Uma vida simples e de muito trabalho na capital

Arquivo pessoal

O ANO ERA 1958, O BRASIL GANHAVA COPA E, NO PLANALTO SURGIAM OS PRIMEIROS TIMES DA CAPITAL, FORMADOS POR TRABALHADORES, COMO O CENTRAL CLUBE NACIONAL

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O **CORREIO**

A chegada a Brasília teve um gosto amargo para o alagoano Claudionor Pedro dos Santos. De família simples, mas acostumada ao mínimo de conforto, poucos dias antes de completar 18 anos, em 1957, foi apresentado à vida daqueles que, na história da nova capital, ficaram conhecidos como candangos. Claudionor, hoje servidor público, 64 anos, conta com carinho como tornou-se fiscal da obra mais importante do país — o Congresso Nacional.

Influenciado pelas qualidades da vida em Goiânia, contadas em cartas pelo irmão Clóvis, Claudionor desembarcou na capital de Goiás no dia 21 de julho de 1957, três dias antes de completar a maioridade. Acompanhado do amigo Antônio, descobriu rápido o destino incerto que o aguardava no Planalto Central. O irmão havia se mudado para a região onde estava sendo construída a futura Capital Federal. Sem dinheiro para retornar ao Nordeste, a saída foi procurar o irmão onde três anos mais tarde seria inaugurada Brasília.

Na época, o ônibus de Goiânia ao futuro Distrito Federal levava 12 horas para concluir o trajeto. O ponto final era num posto de combustíveis chamado Berocan, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). Exausto e sem a menor noção do endereço do irmão, Claudionor começou a busca ali mesmo. Outra surpresa o aguardava: o frentista o informara que havia um alagoano trabalhando em uma oficina mecânica atrás do posto. "Com o restante de dinheiro que tínhamos, dormimos no Hotel Brasília", conta. "No outro dia, logo cedo, me levantei para confirmar se o alagoano da oficina era mesmo meu irmão", completa.

A suspeita foi confirmada. Claudionor foi levado pelo irmão para a habitação que chamava de casa com naturalidade: uma barraca de lona, onde vivia com a esposa e dois filhos. "Parecia um pesadelo, eu não queria ficar aqui daquele jeito, mas fui convencido a continuar e procurar emprego", afirma.

O primeiro trabalho apareceu logo na sua frente. Um carro com alto-falante passava pela Avenida Central do Núcleo Bandeirante oferecendo mensagens para as pessoas e transmitindo os jogos classificatórios para a Copa do Mundo de 1958. "Eu já tinha trabalhado com alto-falante numa loja de tecidos em Maceió e pedi pelo emprego", diz. "O teste era ler um texto escrito num pedacinho de papel", diverte-se.

O Congresso Nacional

Por ser o único meio de comunicação disponível aqui em 1957, as empresas responsáveis pelas construções na nova capital requisitavam pelo alto-falante de Claudionor o pessoal para as obras. Em uma destas oportunidades, Claudionor deparou-se com a lista de vagas para a construção do Congresso Nacional. "Me pareceu uma ótima chance de crescimento profissional, então, mesmo sem experiência, me ofereci para um dos empregos", revela.

Os trabalhadores da obra ficavam em um acampamento

O alagoano veio para Brasília atrás do irmão e acabou ficando. Trabalhou no serviço de alto-falante da Cidade Livre, nas obras do Congresso e foi um dos primeiros moradores de Taguatinga

CLAUDIONOR E GILDA SE CONHECERAM AQUI. LUGAR QUE ESCOLHERAM PARA CRIAR OS FILHOS

distante cerca de um quilômetro do lugar onde o prédio seria levantado, na Esplanada dos Ministérios. O pagamento era feito por hora trabalhada, o que incentivava a todos a não pararem de trabalhar. O prazo para o término da construção era mínimo. Em menos de dois anos, tudo devia estar concluído.

Claudionor era responsável por acompanhar e não deixar parar o trabalho de todos os empregados da obra. "Gravei os números de cadastro de todos os operários, mais de mil homens", afirma. "Como tinha boa caligrafia, além de percorrer o canteiro todos os dias, também ficava no escritório escrevendo à mão as folhas de pagamento."

Além do trabalho, pouco havia para se fazer em Brasília. Nos dias de folga, os candangos iam de caminhão para as cidades próximas como Formosa e Anápolis. "Era lá que paquerávamos e nos distraíamos um pouco." A paixão brasileira pelo futebol, que na época vivia seus tempos áureos, fez com que fosse improvisado um campo de futebol ao lado do acampamento, vizinho ao Congresso Nacional. "Montamos o Central Clube Nacional e chegamos até a disputar o Campeonato de Brasília com os times que já existiam aqui: Defelê (da Companhia de Força e Luz), Rabelo (da própria construtora), Guará e Pederneiras (da construtora do IAPI).

Visita ilustre

Por mais de uma vez, Claudionor diz ter encontrado o presidente Juscelino Kubitschek andando pela obra durante a madrugada. A primeira vez foi em abril de 1958. "Quando ele me viu, se aproximou e me abraçou, sem dizer nada", conta. "Fiquei emocionado."

A presença de JK sempre perto dos candangos era como um elixir revigorante. Todos os sentimentos de insegurança ou arrependimento pela sobrecarga de trabalho, que enfrentavam aqui, desapareciam quando o presidente falava aos candangos. "Ele se aproximava de nós, não fazia questão de ser tratado como autoridade, queria estar perto do povo, era assim que se sentia feliz", conta. "Tínhamos medo de que Brasília não se firmasse depois que ele deixasse o governo porque havia muita gente contrária à mudança da capital e ele era a força que fazia a construção andar", conclui.

Pouco antes da obra do Congresso ser entregue, em 1959, a família de Claudionor mudou-se para cá. A economia feita com o dinheiro que recebia como fiscal de obra foi suficiente para pagar as passagens dos pais e 10 irmãos. Nos primeiros dias após a chegada, os parentes puderam se instalar provisoriamente no acampamento da obra. Dali, nos dias seguintes, partiram para a primeira moradia na nova capital, em Taguatinga.

A cidade praticamente não existia: apenas a Avenida Central com algumas lojas e muito cerrado. O final de Taguatinga ficava onde até hoje está a farmácia Virgens da Vitória, no Centro. Para trabalhar ou fazer qualquer outra coisa, era preciso ir até o Núcleo Bandeirante ou o Plano Piloto. A cidade era apenas dormitório e por alguns anos continuou assim. O meio de transporte mais usado era a carona. E foi assim que Claudionor conheceu a esposa, em 1962.

Na época, o alagoano já não trabalhava mais em construção. "Percorria a cidade numa Kombi da empresa, vendendo eletrodomésticos de porta em porta", recorda. A venda em domicílio era comum nos primeiros anos de Brasília. "Em uma ocasião, ofereci carona para ela e o namoro começou pouco tempo depois." Gilda era de Luziânia e também viera para o Distrito Federal encantada com o projeto de JK. Em maio de 1963, o dois se casaram na igreja Perpétuo Socorro, em Taguatinga.

> **"TÍNHAMOS MEDO DE QUE BRASÍLIA NÃO SE FIRMASSE DEPOIS QUE ELE (JK) DEIXASSE O GOVERNO PORQUE HAVIA MUITA GENTE CONTRÁRIA À MUDANÇA DA CAPITAL E ELE ERA A FORÇA QUE FAZIA A CONSTRUÇÃO ANDAR"**

Raio X

Nome:
Claudionor Pedro dos Santos
Idade:
64 anos
Origem:
Maceió, Alagoas
Profissão:
Funcionário público
Ano de chegada a Brasília:
1957
Esposa:
Gilda Rodrigues dos Santos
Filhos:
Paulo, Cláudio, Marco, Marcel e Gláucio
Netos:
Júnior, Ana Carolina, Luíza, Vítor, Fabiana, Rodrigo, Renata, Vitória, Mariana, Fernanda e Juliana.

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo **Edição** Rozane Oliveira **Reportagem** Bianca Chiavicatti, Stela Maris Zica e Vinicius Nader **Fotos** Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do **Correio Braziliense** **Revisão** JoãoNeto **Diagramação** Glauco Gonçalves **Projeto Gráfico** Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e á Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL